

Rio 2016: E se as Olimpíadas fossem um país... como seria sua desigualdade?

Maurício Bugarin

Universidade de Brasília

21 de agosto de 2016

Imagine as Olimpíadas como um país, as delegações seus cidadãos, e as medalhas suas rendas. Como ficaria esse país fictício no aspecto desigualdade?

Uma das medidas mais comuns de desigualdade é o índice de Gini. Trata-se de um coeficiente formulado pelo estatístico italiano Corrado Gini em 1912 e que mede a diferença entre uma sociedade ideal em que a renda é a mesma para todos seus cidadãos, e a sociedade real. O índice é um número entre 0 e 100, de forma que, quanto mais próximo de 0, mais próxima é a sociedade real da sociedade totalmente igualitária e quanto mais próximo de 100, mais próxima de uma sociedade totalmente desigual, em que um único cidadão detém toda a renda.

De acordo com dados coletados pelo Banco Mundial (que diferem quanto ao ano do cálculo de país a país, <http://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI>), o Azerbaijão seria o país mais igualitário no mundo, com um baixíssimo índice de 16,6 em 2005, seguido da Ucrânia com 24,6 em 2013. Os países nórdicos europeus estão entre os mais igualitários, tendo a Noruega, a Finlândia e a Suécia os índices respectivos de 25,9, 27,1 e 27,3 em 2012.

No outro lado da classificação, o mais desigual seria a África do Sul com um índice de Gini de 63,4 em 2011, seguido da Namíbia com 61,0 em 2009. Quanto aos países latino-americanos, estão entre os mais desiguais, ocupando o Brasil uma posição de triste destaque, apesar do grande avanço nos últimos anos: nosso índice de Gini em 2013 era de 52,9.

Então, onde acha que ficaria o país Olimpíadas nessa classificação? Ficaria próximo dos 50, como o Brasil? Menos desigual, como a Suécia? Mais desigual, próximo aos 60 como a África do Sul?

Se você acha que o país Olimpíadas seria bastante desigual, acertou em cheio. Rio 2016 tem um impressionante índice de Gini¹ de 87,74, ou seja, seria o país mais desigual do mundo!

Diante disso, vem a seguinte questão: Porque as pessoas não se revoltam com tamanha desigualdade nos Jogos Olímpicos e, pelo contrário vibram com o evento?

Questão de difícil resposta, uma vez que a desigualdade é tão indesejada... Mas aqui vai uma provocação, para reflexão. Nas Olimpíadas vencem os melhores. É um mecanismo meritocrático por excelência, em que um baiano do interior pode receber o maior número de medalhas em uma única olimpíada na história do país e um queniano pode ser ouro nas maratonas. É verdade que a desigualdade de renda original entre os países faz com que os países mais ricos enviem delegações maiores e mais bem preparadas. No entanto, uma vez iniciados os jogos, a competição é toda baseada no mérito. Talvez as Olimpíadas ilustrem a diferença entre desigualdade de renda e de oportunidades. As oportunidades são as mesmas para todos os participantes, apesar do resultado final ser extremamente desigual. Não será justamente essa visão de igualdade de oportunidades que faz das Olimpíadas um momento tão mágico e apreciado por todas as nações?

¹ Para o cálculo, foi dado peso 100 para as medalhas de ouro, 10 para as de prata e 1 para as de bronze, de forma a manter-se a classificação lexicográfica usada nos jogos. Outros pesos geram resultados próximos. Por exemplo, os pesos 10000, 100 e 1 para ouro, prata e bronze, respectivamente, geram um índice de Gini de 88,24 e os pesos 4, 2 e 1 respectivamente geram um índice de 85,83.